



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A ‘SUTIL’ TECITURA DO OUTRO: DISCURSOS SOBRE O JUDEU E AS COMUNIDADES JUDAICAS NA AMAZÔNIA OITOCENTISTA.

ANTONIO GUTEMBERG DA SILVA³⁰⁶

Para começar este artigo, respondo a pergunta que a grande maioria das pessoas fazem desde que comecei a estudar o estabelecimento das comunidades judaicas no Brasil Oitocentista na região amazônica. E, é claro, verbalizada inúmeras vezes por colegas durante o curso.

- Você é Judeu?

- Não, não sou judeu!

- Mas então, por que estuda os judeus? Você é descendente de judeus, cristão-novos ou marranos? Você segue o judaísmo? Por que você morando na Paraíba, decidiu estudar judeus logo na Amazônia? E tem Judeus na Amazônia?

Pois bem, acho que na verdade não é uma pergunta, são inúmeros questionamentos que me fazem frequentemente, quando apresento meu universo de pesquisa na Academia, eventos, conversas informais ou quando sou indagado acerca do que realizo em meus estudos.

O interesse pela História dos judeus no período Imperial brasileiro se deu por duas inquietações, a primeira na ordem da interação social, a partir de uma criação dentro de um lar cristão na qual sempre fui apresentado aos judeus enquanto estranhos,

³⁰⁶ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. UVA - 2003 e graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba. UEPB -2008. Especialista em História do Brasil e da Paraíba pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), em 2008. Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande – PB. UFCG - 2013. Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo USP (DINTER/UFCG). Professor da rede pública e privada do Estado da Paraíba e Rio Grande do Norte. Professor Formador da UFCG. Professor da Universidade Maurício de Nassau - Uninassau/Campina Grande.





afirmando quase sempre que possuíam atributos que fogem do campo, da categoria imposta como normal, e, a outra de ordem historiográfica acerca das abordagens da presença judaica no Brasil Oitocentista, carecendo ainda de muitos estudos quando comparamos as demais temporalidades da História do Brasil. E assim, acreditando que, a compreensão do Outro ocorre quando se conhece o Outro, enquanto distinto do Eu que o concebe.

Nas últimas décadas com a ampliação das possibilidades de fontes e de análises da História, com estudos mais particularizados de pessoas, grupos e etnias, por muito tempo, marginalizados, diante do predomínio da História Metódica, vemos o alvorecer de uma História Social e Cultural em que a massa passa agora a ter suas experiências consideradas importantes pela historiografia, vindo a tona uma série de personagens que nos ajudam a compreender melhor a diversidade étnica, cultural e identitária de um grupo, nação, lugar, país.

A exemplo disto, temos do período colonial brasileiro um profícuo e importante trabalho de historiadores, antropólogos, sociólogos, e outros pesquisadores que tratam de cristãos-novos, marranos, cripto-judeus e também de judeus. Fazendo com que as fronteiras do mundo acadêmico fossem rompidas e o interesse pela temática se tornasse mais amplo.

No entanto, quando partimos para o Período Imperial Brasileiro, as publicações e notas sobre judeus e judaizantes na maior parte do Brasil circulam quase que exclusivamente no seio das comunidades judaicas, em grupos de estudos entre seus pares ou publicações de memórias com cunhos privados e sem abrangência para o campo acadêmico.

A dificuldade de fontes e a identificação com uma história mais recente, de maior vivência e, portanto, lembranças acabam contribuindo para a século XX ser mais estudado e publicado.

Ao contrário do que ocorreu com o períodos colonial, e atesto também o republicano, em que as histórias envolvendo ‘judeus’ ganharam novos contornos, rompendo os muros do mundo acadêmico e das comunidades judaicas e judaizantes,





com trabalhos ligados a Inquisição Moderna no Mundo Colonial, Histórias de memórias, e posteriormente, ao antissemitismo.

Desde os tempos coloniais que a presença do elemento judaico se faz no Brasil. Vindos de diversas partes da Europa e da África os povos das Leis de Moisés, profitentes ou não, constituem-se como mais uma das importantes etnias que tornam e configuram o Brasil um dos países mais plurais em termos étnicos e culturais. Longe de conceber ainda um absolutismo étnico ou uma super valorização dos judeus em detrimento de outras etnias imigrantes para o Brasil no século XIX.

Muitos desses povos que descendem dos hebreus foram revestidos de muitas identidades, às vezes forçadas, às vezes disfarçadas, em meio a fugas, adaptações, resistências e aculturações, povos de um tronco comum foram divididos e transformados em cristãos novos, marranos e somente no século XIX aqui no Brasil puderam começar a ser judeu.

Na interpretação de Palmer Robertson³⁰⁷, na qual remete a *salvação* para os judeus a partir da descrição do novo testamento, pensando a passagem do livro bíblico cristão de Romanos 11:1: *Pergunto, então: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Porque eu também sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim.*

O fato dos judeus terem negado Cristo, os leva a inúmeros preconceitos e intolerância dentro do mundo cristão ao longo da História, e a associação da Carta de Paulo aos Romanos, remete a uma das longas ideias e teorias quanto à salvação dos judeus vista no Novo Testamento, remetendo neste trecho às promessas da aliança de Deus com os patriarcas, para a salvação de Israel.

O problema é que, ao longo do tempo, as fronteiras judaicas foram demarcadas/diluídas³⁰⁸ em nome de uma Intolerância, e esta passagem acabou por contribuir para associar uma dependência dos judeus, no caso da Estrela de Davi, à

³⁰⁷ Doutor em teologia pelo Union Theological Seminary, em Virgínia, EUA.

³⁰⁸ Demarcadas no sentido de propor a diferença, o ser judeu, o ser cristão. Diluídas no sentido da vivência em meio a culturas plurais, no momento que nos remete a um compartilhamento de práticas, na proposta de Ginzburg (2006) quando um bebe na cultura do outro.





representação da cruz cristã, de modo que, sob a égide de imposições e aculturações, estas fronteiras se tornaram cada vez mais *irregulares e mescladas*, como nos delata Geertz. (2008, p. 201).

O ser judeu, portanto, no período oitocentista, foi escrito sob a pena que outorgou diversas leis, nas quais os judeus, judaizantes e não judaizantes, tiveram muitas vezes que negociar sua cidadania em meio à formação de um Brasil que almejava ser independente, e o progresso alijado à constituição do povo enquanto nações lhes proporciona uma nova terra, para poder constituir suas vidas em meio a um conjunto de significados partilhados.

Valendo-nos das ideias de Todorov (2010), descritas em sua obra, *A Conquista da América: a questão do outro*, na qual apresenta como mote principal a ideia da alteridade, narrando o desconhecimento do Outro (índios) pelos espanhóis, vemos que os nativos são encaixados dentro de um sistema de valores resultante numa hierarquização postulados pelos colonizadores europeus.

Os judeus não são nativos, mas sofrerão em grande medida e em circunstâncias análogas e distintas um olhar que vai além da noção de alteridade, uma vez que, não se trata de um contato entre culturas totalmente desconhecidas, pois ao contrário dos nativos (índios), já haviam ideias sobre os judeus, tanto no imaginário popular quanto na liturgia religiosa cristã católica fundante e tida como oficial, traduzida e interpretada secularmente e que carrega um olhar de estigma em torno do judeu, senso estas marcas anteriores a sua chegada.

Ao chegar nas américas, o europeu, na visão de Todorov, terá uma construção de alteridade, isto é, de estranhamento que gera o contraste, a diferença com o desconhecido que é o índio. Ao contrário do que ocorre com o judeu, que ao chegar nas Américas, seja no período colonial como cristão-novo, marrano, criptojudeu e judeu, já traziam em seus corpos não somente a pele da alteridade, mas também de estigma³⁰⁹ construído historicamente.

³⁰⁹ A noção de estigma da qual fazemos uso corresponde aos estudos de Erving Goffman em sua obra: *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. No qual





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Isso não nos leva a pensar ou cair no mérito de quem é ou foi mais estigmatizado: índios, negros, judeus, protestantes, ciganos e outros que pelo estranhamento sofrerão todas as mazelas de serem marcados, como no dizer da historiadora Tucci Carneiro, etiquetados³¹⁰ com uma série de atributos indigestos, resultantes do processo de estigmatização, fazendo necessário, portanto, pontuar que a chegada, a presença judaica, o seu corpo físico, sempre será precedido por suas marcas, por um conjunto de condutas desviantes.

Antes mesmo de aqui chegarem, seja na Colônia, no Império ou na República sua caracterização enquanto o Outro já se fazia presente – indesejado, deicista, avarento, caluniador. O que muda, é a intensidade, a sutileza, ou seja, a intensidade³¹¹ no discurso que cada tempo e espaço darão as perseguições, aos pogroms e a intolerância como um todo.

Nas tramas políticas, culturais, econômicas, religiosas que proclamam o judeu como o Outro, a ser definido, instituído, perante a sociedade da Amazônia oitocentista, noticiava-se muitas vezes enquanto metáforas, ganhando tons, intensidades e às vezes até requinte e elegância, garantindo a sutileza do trato com o judeu, com a comunidade judaica, mesmo ao estabelecer configurações de imagens negativas.

Em 1885, um jornal de cunho político partidário de Belém do Pará, publica uma nota na Seção Livre sob o título – *Negócios em Gurupá* - fruto de uma discordância na Câmara Municipal de Gurupá estampando as primeiras páginas com os seguintes dizeres:

Existe n'esta villa uma corja de judeus, marroquinos desmoralizados, afeitos a toda sorte de trapças e ladroeiras, que mais avulta o movimento amotinador. São em sua generalidade homens estragados e principaes caloteiros do comercio do Pará. Não vivem como hospedes agradecidos já

concebe o estigma enquanto uma situação do indivíduo está inabilitado para a aceitação social plena, pela abominação do corpo, do caráter e da raça.

³¹⁰ Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. *Maria Luiza Tucci*. Revista USP/ São Paulo - n. 119 • p. 115-130 • outubro/novembro/dezembro 2018

³¹¹ O uso do termo sutil e sutileza aqui nos a ideia de um detalhe pouco perceptível, o que é dito as vezes nas entrelinhas. Ou ainda a intensidade em que um fato, um discurso é posto.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

que esta terra hospitaleira os livrou da fome, da miséria e da nudez, querem ao contrário opor óbices aos progressos do município, e em cada um dos de sua grei; temos o mais encarniçado inimigo das ideias que avançam!

... miseráveis que são!

... os judeus envergonham a moralidade d'este município.

Gróz³¹²

Ao observar o texto na íntegra, grande parte do descontentamento se dá pelo fato de uma pessoa provavelmente judia ser escolhido para assumir um cargo comissionado. Porém o olhar sobre o judeu é claro, seja pelo uso difamatório com o qual é tratado, não designa apenas a uma pessoa, mas a generalização que se faz sobre a toda categoria de quem é judeu.

Não se trata aqui de apontar o desmerecimento de um indivíduo em particular, uma vez que a generalização é feita a partir de todos aqueles que compõem uma identidade judaica enquanto ladrões, amotinadores, trapaceiros, homens estragados, inimigo, miseráveis e envergonhadores da moralidade.

Os atributos indigestos tornam naturalmente o Judeu enquanto o Outro, o Estranho, assim, no dizer de Goffman, *A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias.* (GOFFMAN: 1982, 11-12).

São exatamente tais categorias arraigadas e construídas historicamente que os judeus são etiquetados, com atributos e projeção de valores depreciativos e que favorecem discriminação, o preconceito e a intolerância como nos aponta a descrição do comerciante fluvial judeu denominado na época de regatão, feita pelo escritor Raymundo Morais, um romancista da elite de Belém do Pará nascido na segunda metade do século XIX, integrante da Academia Paraense de Letras:

³¹² Jornal O Liberal. Órgão do Partido Liberal. ANNO XV, Nº 84. Belém do Pará, 16 de Abril de 1885. Acervo da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional – BNDigital. Rio de Janeiro/RJ. Acesso em 09 de Novembro de 2018.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Veio depois o hebraico, menos atiradiço, é certo, no que dizia a respeito a rabo de saia, entanto mais sovina, mais usurário, devoto e fiel no arrancar couro e cabelo do cristão que lhe caísse as unhas. Além de monopolizar o comércio em muitas localidades exemplificados em Gurupá e Parintins [...], o israelita monopoliza igualmente o comércio de regatões, vendendo, trocando, comprando o que aparecia na fímbria litorânea. (Morais, 1887:74)

O olhar preconceituoso em torno do judeu, fora uma marca que lhes era imputada, mesmo não sendo judaizante³¹³, o fato de ser judeu impregnava no imaginário de onde estiver ou não habitando uma visão preconceituosa e depreciativa, sempre com ações acusatórias e condenatórias. Atiradiço, sovina, monopolizador do comércio, assim foram descritos os judeus que fizeram dos rios da Amazônia suas estradas e seus pontos do comércio, colocando mercadorias em pequenas embarcações e assim de modo itinerante e sábio inovando na arte de comerciar.

A tecitura ‘sutil’ construída no tecido social ao longo do século XIX, enunciando o Judeu enquanto o Outro, construindo historicamente esteriótipos e estigmas favorece ao episódio do Mata Judeu. É o resultado do discurso que se torna verdade, da palavra que de tanto ser enunciada se personifica e se constitui em fato.

Muito teremos ainda a falar sobre os judeus da Amazônia, muito teremos ainda a investigar sobre a Canaã brasileira e, mais ainda a refletir sobre a construção da Intolerância contra os Judeus em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hanna. **Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BARNAVI, Elie (dir.) **História Universal dos Judeus** – da gênese ao fim do século XX. Editora Cejup. São Paulo/Belém, 1995.

³¹³ Aqueles que seguem os preceitos ou parte da religião, tradição ou cultura judaica.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

BARON. Salo W. **História e Historiografia do Povo Judeu**. Org.: Anita Novinsk e J. Guisburg. Tradução Renato Mezan. Editora Perspectiva. São Paulo. 1974.

BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia** – Os Judeus na Amazônia. Manaus: Editora Valer, 1998.

BENTES. Abraham Ramiro. **Das Ruínas de Jerusalém à verdejante Amazônia**. Formação da 1ª Comunidade Israelita Brasileira. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.

BLOCH, Marc. **Apologia da História** – ou ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANETTI, Elias. “Hitler por Speer”, In: **A Consciência das Palavras**. Trad. M. Suzuki; H. Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARNEIRO, M. L. T. **O Veneno da Serpente**. Reflexões sobre o antisemitismo no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Dez Mitos sobre os Judeus**. São Paulo; Atelie Editorial, 2014.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 10ª Ed. 2001. Pag. 494.

DORÉ, Gustave; DUPONT, Pierre. **A Lenda do Judeu Errante**. Tradução de David Jardim Junior. v.2. Belo Horizonte: AMG Editora Gráfica, s/d .

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** [Aula inaugural]. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, 4ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

GONÇALVES, Henrique. **Nas Terras do Grão-Pará**. Atribuições de um imigrante adolescente. Atlântida. Editora: Coimbra, 1964.

HELLER, Reginaldo Jonas. **Judeus do Eldorado**: reinventando uma identidade em plena Amazônia: a imigração dos judeus marroquinos e do norte da África para o Brasil (Pará e Amazonas) durante o século XIX. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LINS, Wagner. **A mão e a luva**. Judeus marroquinos em Israel e na Amazônia, similaridades e diferenças na constituição das identidades étnicas. São Paulo. 2010. Tese de Doutorado.

LUCCA, Tânia Regina de. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Unesp, 1999.

MARTELLI, Amália. **Nova Dimensão do Brasil**. Editora Vozes Limitada. 1969.

MORAIS, Raymundo. **Na Planície Amazônica**. 7^ª Edição, Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, 1987.

MOREIRA, Eidorfe. **Presença Hebraica no Pará**. Belém, 1972.

PLANE, Auguste. **L'Amazonie**. Librairie. Paris. 1903.

SAUVY, Alfred. (1971), **Mythologies de Notre Temps**. Paris, Payot.

SIMONIN-GRUMBACH, Jenny, “**Para uma tipologia dos discursos**”, In: JAKOBSON, Roman [et al]. **Língua, Discurso, Sociedade**. São Paulo: Global, 1983.

SORJ, Bila. **Identidades Judaicas no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América:** a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLF, Frieda e Egon. **Judeus no Brasil Imperial.** Uma Pesquisa nos Documentos e Noticiários Carioca da Época. Centro de Estudos Judaicos, Rio de Janeiro. 1975.

